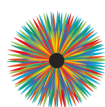




Pesquisa

PANDEMIA E VISÃO DE FUTURO

O futuro das pessoas, da sociedade e do meio ambiente a partir da pandemia do novo coronavírus na percepção do público do Museu do Amanhã



Museu do **Amanhã**

IG INSTITUTO DE
DESENVOLVIMENTO
E GESTÃO

CULTURA+
DIVERSIDADE
RIO
PREFEITURA

Pandemia e visão de futuro

Pesquisa realizada pelo Museu do Amanhã nos meses de maio e junho de 2020 com o objetivo de analisar a percepção do seu público sobre o futuro a partir da pandemia do novo coronavírus. Para isso, a pesquisa estimulou a reflexão dos participantes sobre temas relacionados à vida das pessoas, da sociedade e do meio ambiente conectados aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. De perfil qualitativo e quantitativo, o questionário foi composto por 40 perguntas abertas ou fechadas, enviadas ao público do Museu por e-mail e disponíveis para resposta por meio da plataforma digital Typeform. Com a participação de 1.172 pessoas de todo o país, a margem de erro da pesquisa é de 3%. O estudo foi desenvolvido pela Coordenação de Pesquisa do Museu do Amanhã.

IDG - Instituto de Desenvolvimento e Gestão | Museu do Amanhã (org.). *Pandemia e visão de futuro: a percepção do público do Museu do Amanhã sobre o futuro a partir da pandemia do novo coronavírus*. Rio de Janeiro: julho, 2020.

ISBN: 978-65-87551-02-9

Sumário

1. Compromisso com o Amanhã, Hoje

Palavras iniciais

2. Principais descobertas da pesquisa

3. Inaugurando o Coronaceno

Introdução

4. Pandemia e visão de futuro

Pesquisa

1.

Compromisso com o Amanhã, Hoje

Palavras iniciais



RICARDO PIQUET

**Diretor-presidente do IDG
Instituto de Desenvolvimento e Gestão
e do Museu do Amanhã**


A pandemia do novo coronavírus mudou a paisagem das cidades em inúmeros países, esvaziando ruas e locais que costumam reunir centenas, às vezes milhares de pessoas todos os dias. Este foi o caso do Museu do Amanhã, que interrompeu as visitas do público em março de 2020 seguindo os protocolos oficiais de saúde.

No entanto, a interrupção das visitas não paralisou as atividades do museu. Ao contrário. O distanciamento social requerido para o enfrentamento da pandemia gerou outras formas de o Museu do Amanhã se manter em contato com a

sociedade. A primeira dessas iniciativas foi a realização de uma programação on-line que mantém o museu presente e conectado com os seus milhões de visitantes, oferecendo diálogos de qualidade com grandes nomes da ciência e da cultura tanto do Brasil quanto de outros países.

O Museu do Amanhã também realizou ações contínuas em solidariedade à população da Região Portuária do Rio de Janeiro, onde o museu é vizinho de cerca de trinta mil pessoas que vivem nos bairros da Saúde, Gamboa e Santo Cristo e os morros da Conceição, Pinto, Livramento e Providência. As ações uniram esforços com grupos de moradores, associações locais, empresas como a SHELL e Lojas Americanas, patrocinadoras do Museu do Amanhã, e o próprio público. O IDG - Instituto de Desenvolvimento e Gestão também firmou parceria com o BTG Pactual para distribuição de cartões alimentação nas comunidades,

Além disso, o Museu do Amanhã conduziu uma pesquisa em relação à percepção do seu público sobre o futuro a partir da pandemia do novo coronavírus. Os participantes puderam refletir sobre a vida das pessoas, da sociedade e do meio ambiente por meio de temas relacionados aos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável. Ao todo, foram mais de mil pessoas de todas as partes do país que compartilharam suas expectativas, preocupações, esperanças, medos e disposições para mudar, resultando em um importante retrato da visão de futuro dos brasileiros neste momento.

Se não temos todas as respostas sobre como serão os Amanhãs a partir de Hoje, sabemos que o Museu do Amanhã prosseguirá estimulando a reflexão e a ação em prol de um futuro orientado pelos valores da sustentabilidade e da convivência. 

2.

Principais descobertas da pesquisa



Público se sente informado sobre a pandemia; fontes de informação utilizadas são confiáveis

De acordo com a pesquisa, 93% do público do museu se sente informado sobre a pandemia do novo coronavírus. A maioria dos participantes, 71%, disseram que se informam principalmente pela imprensa tradicional. Outras fontes de informação citadas são os comunicadores digitais especializados em saúde ou ciência, 48%, órgãos oficiais internacionais, 46%, e órgãos oficiais nacionais, 42%.

Dois a cada três participantes da pesquisa sentem incerteza em relação ao futuro a partir da pandemia; esse sentimento afeta principalmente mulheres e jovens

Embora a grande maioria dos entrevistados se sinta bem informada, a pesquisa mostra que a pandemia do novo coronavírus impactou o grau de

certeza das pessoas com relação ao futuro. Ao todo, 2 em cada 3 entrevistados, 66%, dizem que mesmo com essas informações, têm alguma ou muita incerteza com relação ao futuro.

As mulheres se sentem mais incertas em relação ao futuro do que os homens. 44% delas reconhecem ter muita incerteza, enquanto entre os homens este percentual é de 25%. Já entre quem indica ter incerteza com relação ao futuro a partir da ocorrência da pandemia destaque para os jovens entre 16 e 24 anos, 77% deles informam que estão incertos.

Mulheres estão menos otimistas em relação ao futuro do que os homens

Os participantes da pesquisa têm dificuldade de definir um sentimento em relação ao futuro a partir da pandemia. A maioria, 38%, não se sente nem otimista, nem pessimista. Já 30% se dizem

otimistas, 24% se sentem pessimistas e 7% citaram outros sentimentos.

Há uma grande diferença entre o otimismo nos homens e nas mulheres. Enquanto 24% das mulheres afirma estar otimista com relação ao futuro, entre os homens esse percentual é de 42%.

O maior medo dos participantes da pesquisa é que novas pandemias se tornem frequentes; desemprego, crises econômicas e intensificação das desigualdades sociais também assustam

O maior medo dos participantes da pesquisa é que novas pandemias se tornem frequentes no futuro. Outro medo citado por eles é que a pandemia não traga uma mudança positiva na sociedade. Também foram citados medo do desemprego, de crises econômicas, da intensificação das desigualdades sociais e do colapso do sistema de saúde.

O medo de novas pandemias é mais presente entre o público mais jovem. O percentual de participantes com idade entre 16 e 24 anos que apresentam este medo como o principal é de 23%, praticamente o dobro do percentual observado no restante da amostra, 13%.

A maior esperança é que a pandemia sirva de aprendizado, dando início a um mundo mais justo e solidário

A maioria dos participantes da pesquisa tem esperança que a pandemia do novo coronavírus sirva de aprendizado para a sociedade, possibilitando reflexões e mudanças necessárias para a criação de um mundo mais justo no futuro.

Outras esperanças citadas foram o reforço da solidariedade e união entre as pessoas, melhorando a convivência em sociedade. Os participantes da pesquisa ainda mencionaram como esperança para o futuro a valorização da ciência e

da tecnologia, o aumento dos investimentos em saúde e educação, além do entendimento que a natureza e os seres humanos devem estar interligados na promoção da preservação ambiental.

Na área social, a redução das desigualdades sociais e econômicas deve ser prioridade dos governos e da sociedade até 2030; educação e saúde para todos também são destaques

Para a maioria dos participantes da pesquisa, a redução das desigualdades sociais e econômicas (69%), educação de qualidade (65%) e saúde e bem-estar (59%) para todos devem ser prioridade dos governos e da sociedade até 2030. Essas são as prioridades para a maioria das pessoas que participaram da pesquisa, independente de gênero, cor, idade, escolaridade, renda ou local de moradia.

Embora a maioria dos participantes afirme que a redução das desigualdades sociais e econômicas deve ser a principal prioridade dos governos e da sociedade até 2030, a maioria acredita que essas desigualdades aumentarão até a próxima década. Da mesma forma, essas pessoas acreditam que em 2030 estaremos mais distantes de ter trabalho decente para todos, erradicação da pobreza, além de ter paz, justiça e instituições eficazes do que estamos em 2020.

Em relação ao meio ambiente, a prioridade dos governos e da sociedade até 2030 deve ser água e saneamento básico para todos

Já em relação ao meio ambiente, na opinião dos participantes da pesquisa a prioridade dos governos e sociedade até 2030 deve ser água potável e saneamento para todos (64%), conservação e uso sustentável das florestas e demais biomas terrestres

(56%) e produção e consumo sustentáveis (39%).


Água potável e saneamento para todos e conservação e uso sustentável das florestas e demais biomas terrestres são as unanimidades entre os participantes.

A terceira prioridade varia de acordo com o perfil. Enquanto mulheres priorizam produção e consumo sustentáveis, os homens priorizam cidades, comunidades e habitações sustentáveis, seguras e inclusivas. Jovens entre 16 e 24 anos dão grande prioridade ao combate às mudanças climáticas e seus impactos, enquanto as pessoas com mais de 60 anos acreditam que a conservação e uso sustentável dos oceanos e recursos hídricos deveria ser prioridade.

A partir da pandemia, público espera que as pessoas valorizem mais a ciência, a educação, a tecnologia e a inovação até 2030

A expectativa da grande maioria dos participantes da pesquisa, 81%, é que ciência, educação, tecnologia e inovação

serão mais valorizadas pelas pessoas a partir da pandemia do coronavírus até 2030.

Embora essa expectativa seja alta entre os participantes da pesquisa de todos os níveis de escolaridade, ela alcança o valor mais expressivo, 92%, entre os participantes que estudaram até o Ensino Médio (e não completaram). 

3.

Inaugurando

o Coronaceno

Introdução



LUIZ ALBERTO OLIVEIRA
Curador-geral do Museu do Amanhã

As coisas são relativas. “Antigamente” costumava se referir a uma década passada, a um século passado. Mas agora fevereiro último se tornou “antigamente”. Fevereiro parece agora tão remoto quanto a antiga Atenas ou a Idade Média. Afastou-se de nós numa velocidade absurdamente surpreendente. O que aconteceu? Estamos vivendo, sem dúvida, um momento de crises. Mas em poucas semanas essas crises se multiplicaram a tal ponto que envolveram o planeta inteiro, a humanidade inteira, todos os povos, todas as pessoas. Isto não é mais uma crise. Ou seja, a soma das crises não é somente uma crise grande, um “crisão”.

Uma crise é sempre um espasmo: começa, acentua e depois atenua. Porém, quando se tem essa multidão de crises simultâneas, trata-se de uma mutação — quer dizer, o mundo daqui pra frente será outro. O mundo até começo de março era um, em meados de março começou a mudar, hoje, é outro mundo. Aquele mundo em que vivíamos não vai existir mais, já não existe mais. O estar-no-mundo cotidiano, o dia a dia das pessoas, a organização da sociedade, tudo isso se tornou outro.

Por sinal, crise vem do grego *krysis* — escolha árdua, decisão difícil. A crispação que é a crise envolve precisamente a dificuldade ingente de escolher entre alternativas. Porém, a questão de fato é: a escolha tem de ser feita.

A mutação, quando ocorrida, traz escolhas difíceis — mas indesviáveis, obrigatórias, necessárias. Ora, os antigos sábios chineses perceberam com clareza — e registraram num ideograma célebre — que toda escolha, se traz dificuldades, também indica caminhos, insinua oportunidades. É por ser necessário escolher que novos rumos serão seguidos, que novos Amanhãs serão construídos. Isto é, não é porque se queira, ou porque é filosoficamente bacana lembrar da sabedoria chinesa — é porque a decisão tornou-se absolutamente necessária. Não viveremos mais como nossos pais; não viveremos como nós vivíamos há pouco mais de alguns meses .

Por quê? Porque, como disse o poeta pernambucano Caio Lima, o Antropoceno, a nova era geológica da Terra, é pandemia. A pandemia, que é a epidemia não confinada a um local geográfico, mas aquela que se expande e rapidamente alcança todas as regiões, como uma coleção de surtos simultâneos distribuídos por toda parte, bem, isso é um sintoma do Antropoceno. Expressa o fato de que atividades humanas ingressaram em reservatórios naturais, até então intocados, de germes. Uma das características da expansão planetária das sociedades humanas que marca o Antropoceno é justamente a progressiva alteração dos ambientes naturais, em particular no que respeita à diversidade de espécies.

Ao colocar em contato grupos humanos com portadores de germes até então estrangeiros, as transformações ambientais induzidas pelo crescimento incessante das atividades econômicas fomentam a transmissão desses germes para pessoas — e, dadas as circunstâncias certas, um vírus vai encontrar um novo campo para operar, converter-se em patógeno para os humanos, e uma nova doença começa a se propagar. A pandemia, portanto, é diretamente ligada a um dos fatores que definem o Antropoceno, a época dos humanos.

Talvez se possa dizer, então, que estamos hoje vivendo uma fase do Antropoceno — vamos chamá-la, por que não?, de Coronaceno — assinalada por um surto global de uma variedade de coronavírus. O que isso significa, e o que virá a

seguir? A história mostra com clareza que passaremos a conviver com o corona. O que vem a seguir, assim, não é o depois do corona, é o depois com o corona. Nenhuma gripe acabou; simplesmente, as gripes passaram a fazer parte de nossas vidas, e também o corona deverá acabar por ser assimilado, como tantos milhares de outros patógenos. A duração do processo de assimilação, porém, é ainda muito incerta, pois depende tanto do vírus e de nosso sistema imune, como também das iniciativas terapêuticas e das políticas de saúde pública que vierem a ser aplicadas.

Qual a perspectiva imediata? Como passaremos a viver com o corona? Durante um prazo que se estima entre um e dois anos — as coisas correndo bem — o que deve ocorrer é que seja ultrapassado o primeiro impacto e comecem a ocorrer ressurgências locais, não mais planetárias. E as tecnologias aprendidas no surto pandêmico global serão então aplicadas a estes locais ou regiões específicas onde suceda a recorrência.

Se, por exemplo, ocorrer um novo surto em uma dada cidade, então as práticas de quarentena e isolamento físico, bem como o reforço dos sistemas de saúde, deverão ser aplicadas até que a situação seja debelada. O controle da movimentação das pessoas a partir dos telefones celulares mostrou eficácia em restringir contatos entre pessoas sãs e portadores, muitas vezes inadvertidos, do vírus. Por um lado, pode ser uma técnica útil no enfrentamento da crise sanitária, mas, por outro, suscita graves preocupações quanto às liberdades democráticas e à privacidade individual, se continuada após o surto. Escolhas difíceis: é o que nos cabe nesse momento.

A expectativa é a de que em cerca de dois anos esteja disponível uma vacina segura e eficaz, e nesse ínterim sejam desenvolvidos tratamentos que ajudem a controlar os efeitos da doença. Contudo, é fundamental compreender que outras pandemias virão. Ocorrendo as mesmas causas, devem-se esperar as mesmas consequências. Os cientistas já advertem: ecossistemas de grande biodiversidade e submetidos a exploração predatória e descontrolada — como a Amazônia — são fontes potenciais de novos surtos. O conhecimento científico precisa ser a base para que medidas preventivas indispensáveis sejam adotadas e possamos nos adaptar à convivência com o novo vírus (e suas mutações).

A mudança mais profunda que aí vem, todavia, deverá incidir sobre a imagem que as próprias sociedades têm sobre si mesmas. Entendíamos como “realidade normal”, até a interrupção abrupta determinada pela pandemia, uma coletividade feita de seres humanos atomizados. Ou seja, eu me defino exclusivamente a partir de mim mesmo, das escolhas que faço, das posses que tenho. Eu sou um átomo, você é outro; a sociedade se constituiria a partir de choques ou encontros destas unidades atomizadas. Mas a evolução e a história nos mostram sem qualquer dúvida que esta é uma imagem inteiramente equivocada do que é a sociedade humana. É uma fabricação recente, uma forma de subjetivação redutora que visa tão somente manter e aumentar a desigualdade na distribuição de bens, recursos e poder entre grupos sociais.

O impacto do coronavírus veio, assim, nos alertar sobre a necessidade de mudar essa percepção enviesada do que é ser humano — e, paralelamente, do que é a natureza de que somos parte. Bem diferente do que sugere esse atomismo individualista e pretensamente autossuficiente, só somos as pessoas que somos porque pertencemos a um corpo social, e estamos integralmente imersos, em todas as dimensões, no ambiente natural que nos abrange e nos constitui.

A sociedade não é feita de entidades prontas e acabadas. Ao pertencer à sociedade, ela me constrói tanto quanto eu contribuo para construí-la. Em consequência, isso significa que a imagem do individualismo radical como fundamento da sociabilidade deverá ser substituída, por razões práticas - isto é, econômicas e ecológicas, pela associação cooperativa. Que, na história, foi sempre o que funcionou. Só há sociedade, de fato, porque há, de variados modos e em diversas instâncias, cooperação. Hoje, a urgente questão de saúde pública trazida pela pandemia deixa muito clara esta dimensão propriamente coletiva de nossa existência. Nossas ações seriam assim guiadas não mais pelo proveito pessoal e pelo privilégio de poucos, mas pelos princípios éticos da compreensão e da colaboração coletivas.

É de esperar que um tal deslocamento do individualismo radical para a colaboração ativa como dimensão essencial na constituição e operação do corpus

público venha a ser o elemento central de uma imensa transformação de nossa visão de mundo. Possivelmente, será vivida como a saída de um transe, como um despertar coletivo após décadas de entorpecimento geral.

Como o grande biólogo Stephen Jay Gould observou, objetivamente a história não é feita das ações de uns tantos grandes nomes como Júlio César, Alexandre, ou Napoleão (em geral, grandes assassinos), tal como temos o costume de resumi-la. O tecido real da vida, afirma ele, são as dez mil pequenas gentilezas que todos os dias, silenciosamente, inconscientemente, oferecemos uns aos outros: uma mãe atendendo a seu filho, um amigo estendendo a mão ao outro, um transeunte socorrendo a um perfeito desconhecido.

Quem sabe, como um efeito colateral imprevisto da tragédia do corona, venha a se tornar transparente para todos nós esse entendimento basal: eu só sou porque você é, eu só sou porque todos nós somos. Minha saúde não é só minha, é também sua pra poder ser minha. Se essa mudança de diretriz ética de fato vier a emergir em toda a sociedade, teremos um autêntico terremoto nas estruturas políticas atuais — e um novo mundo talvez comece a nascer.

À guisa de conclusão, uma noção que talvez possa orientar as perspectivas que o Museu do Amanhã venha a traçar nestes primeiros dias de Coronaceno é a da resiliência, como forma de resistência ativa. Vejam: a pedra resiste ao fluxo da corrente, imóvel, rígida. Por isso, a pedra não aprende, não se adapta, não evolui. Já o bambu, quando muda a direção do vento, se flexiona, se inclina, ondula. Ele é firme, mas é flexível. Esta resiliência criativa, do que resiste, mas investe; do que permanece, mas se transforma; do que recebe o golpe, mas o transforma em um novo movimento; essa é a perspectiva que devemos procurar empreender. Tendo como cerne firme, como fibra, esse ideal da solidariedade, do compartilhamento, e da colaboração, para que possamos atender pessoas que não conhecemos, só por serem pessoas, só por serem o que somos, e dividir com elas o espírito e a força que pulsam no âmago de nossa branca catedral de ideias e sonhos. E compartilhar com elas uma imaginação amorosa — a de que alí haverá, todos os dias, dez mil, vinte mil, cem mil pequenas gentilezas, à nossa espera. Todos os dias. ■■■

4.

Pandemia e visão de futuro

Pesquisa



ALFREDO TIOMNO TOLMASQUIM
Diretor de Desenvolvimento Científico

DAVI BONELA
Coordenador de Pesquisa

RUY COTIA
Analista de Pesquisa de Público

A pandemia do novo coronavírus já provocou centenas de milhares de mortes e milhões de casos confirmados em todo o mundo desde as primeiras notificações da doença em Wuhan, na China, em dezembro de 2019¹. O epicentro da doença esteve na Ásia e na Europa; atualmente está na América do Sul², onde o Brasil é severamente afetado.

¹ World Health Organization. Coronavirus Disease (COVID-19) Dashboard. Visto em: <https://covid19.who.int/> Data do último acesso: 21 jul. 2020

² A notícia que a América do Sul se tornou o epicentro da pandemia do novo coronavírus foi informada por Mike Ryan, diretor executivo do programa de emergências da OMS em coletiva de imprensa no dia 22 de maio de 2020, conforme reportado por diversos portais de notícias.

Enquanto um museu de ciências que aborda as oportunidades e os desafios que a humanidade terá de enfrentar nas próximas décadas, o Museu do Amanhã conduziu uma pesquisa sobre a percepção de seu público sobre o futuro a partir da ocorrência da pandemia do novo coronavírus. Para isso, estimulou os participantes a refletirem sobre a vida das pessoas, da sociedade e do meio ambiente fazendo conexões com os temas representados pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

A intenção foi compreender as expectativas, esperanças, medos e anseios sobre o futuro, para traçar um retrato da sociedade em um momento tão singular da história.

— Como a pesquisa foi realizada?

Composta por 40 perguntas, fechadas ou abertas, a pesquisa combinou perfil quantitativo e qualitativo, tendo como público-alvo as pessoas que visitaram ou que participaram de programas do Museu do Amanhã.

Em função do isolamento social necessário durante a pandemia do novo coronavírus, a pesquisa foi enviada por e-mail utilizando o software Typeform para coleta e armazenamento das respostas. Graças ao conhecimento prévio do público do Museu, adquirido através de estudos anteriores, a pesquisa passou por um processo de pós-estratificação, utilizando a escolaridade dos participantes como uma variável auxiliar. Em função da adesão do público, a margem de erro da pesquisa é de apenas 3%.

A definição da amostra, a construção do questionário, a coleta e a análise dos dados foram conduzidas pela coordenação de Pesquisa do Museu do Amanhã.

Para compor uma percepção abrangente e diversificada, as perguntas da pesquisa abordaram o nível e as fontes de informação sobre a pandemia, assim como o grau de certeza, as expectativas, prioridades, medos, esperanças e outros sentimentos dos participantes em relação ao futuro.

Quais temas foram abordados?

A pesquisa teve três grandes áreas de concentração: pessoas, sociedade e meio ambiente. Na primeira área, 'Pessoas', a pesquisa abordou o perfil sociodemográfico de cada participante, além do nível e da fonte de informação sobre a pandemia e os efeitos disso sobre a sua visão de futuro de uma forma mais abrangente, incluindo esperanças e medos.

Já nas outras duas áreas, 'Sociedade' e 'Meio ambiente', a pesquisa abordou a percepção dos visitantes em relação às prioridades e expectativas de progresso em relação à temas representados pelos Objetivos do Desenvolvimento Sustentável.

PESSOAS

{nível e fonte de informação; grau de certeza em relação ao futuro, otimismo ou pessimismo em relação ao futuro, expectativas de mudança nas relações entre as pessoas e das pessoas com o meio ambiente, medos e esperanças}

SOCIEDADE

{expectativas sobre a sociedade: erradicação da pobreza; erradicação da fome; saúde e bem estar; educação de qualidade; igualdade de gênero; trabalho e crescimento econômico; redução das desigualdades; paz, justiça e instituições eficazes}

MEIO AMBIENTE

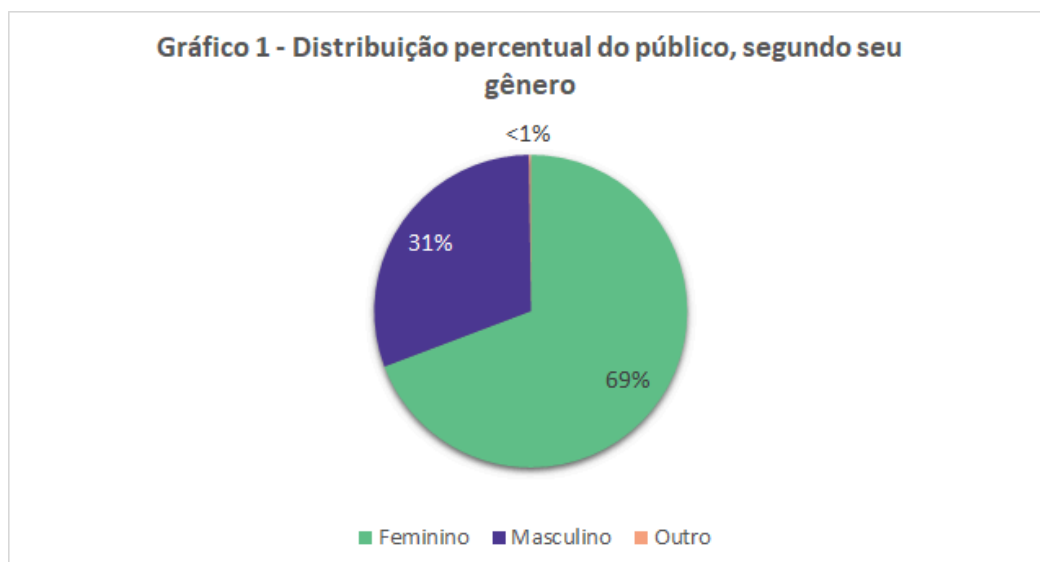
{expectativas sobre o desenvolvimento sustentável: água potável e saneamento; energia limpa e acessível; cidades e comunidades sustentáveis; consumo e produção sustentáveis; ação contra a mudança global do clima; indústria, inovação e infraestrutura; vida na água; vida terrestre}



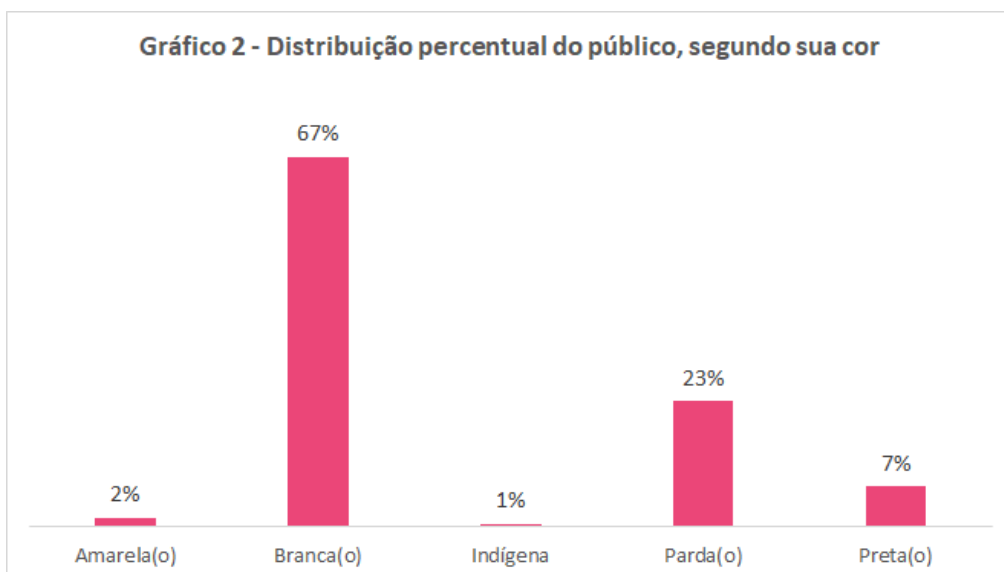
— Quem participou?

Ao todo, 1.172 pessoas de todo o país participaram da pesquisa, sendo homens e mulheres das mais variadas cores, idades, locais de moradia, níveis de escolaridade e de renda.

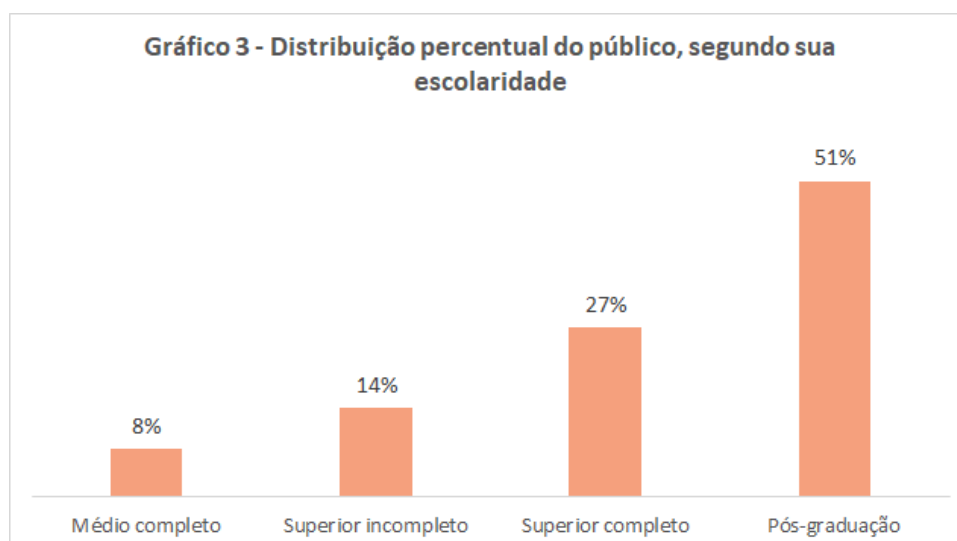
O público do Museu do Amanhã é constituído majoritariamente por mulheres. Nesta pesquisa, esta relação se manteve, com 69% dos participantes do gênero feminino, 31% do gênero masculino e um percentual inferior a 1% se identifica como outros gêneros.



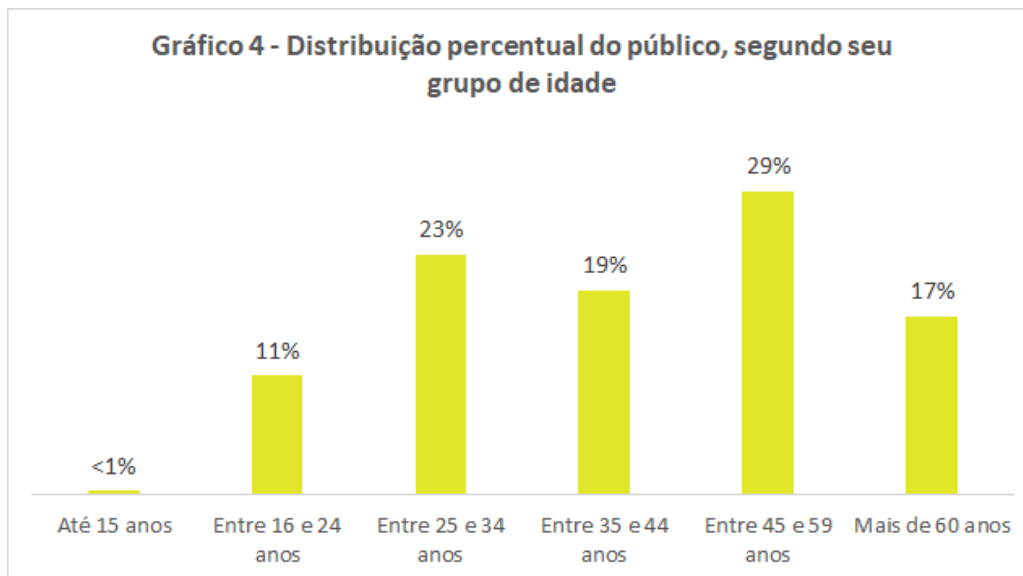
A distribuição percentual dos visitantes segundo sua cor mostra que 67% da participação é de pessoas que se autodeclararam brancas. 23% dos participantes se declaram como pardos e 7% como pretos, de forma que o percentual de negros na amostra é de 30%. 2% autodeclarados amarelos e 1% autodeclarados indígenas completam a amostra.



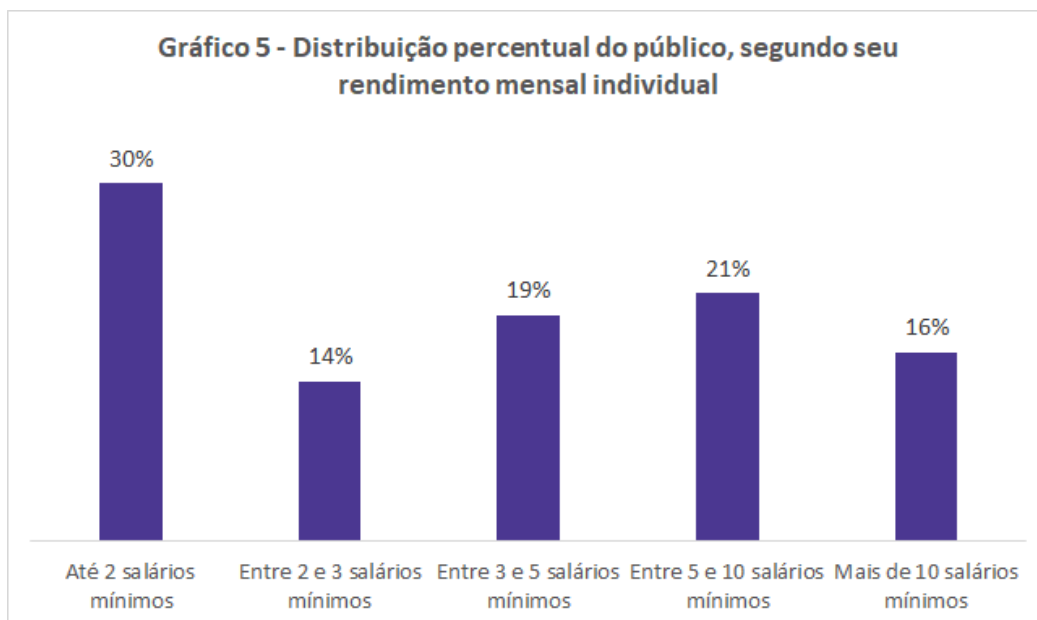
Percebemos uma grande participação de um público cuja escolaridade formal é elevada. 78% do público já completou o ensino superior, sendo 27% para os que possuem o ensino superior completo e 51% para quem já iniciou uma pós-graduação. 14% dos participantes já iniciaram o ensino superior e 8% possuem até o ensino médio completo, portanto concluíram a educação básica.



Com relação à idade, 29% do público tem entre 45 e 59 anos. O segundo grupo mais representativo foi o de participantes entre 25 e 34 anos, 23%, seguido dos que têm entre 35 e 44 anos (19%), mais de 60 anos (17%), entre 16 e 24 anos (11%) e até 15 anos (<1%).

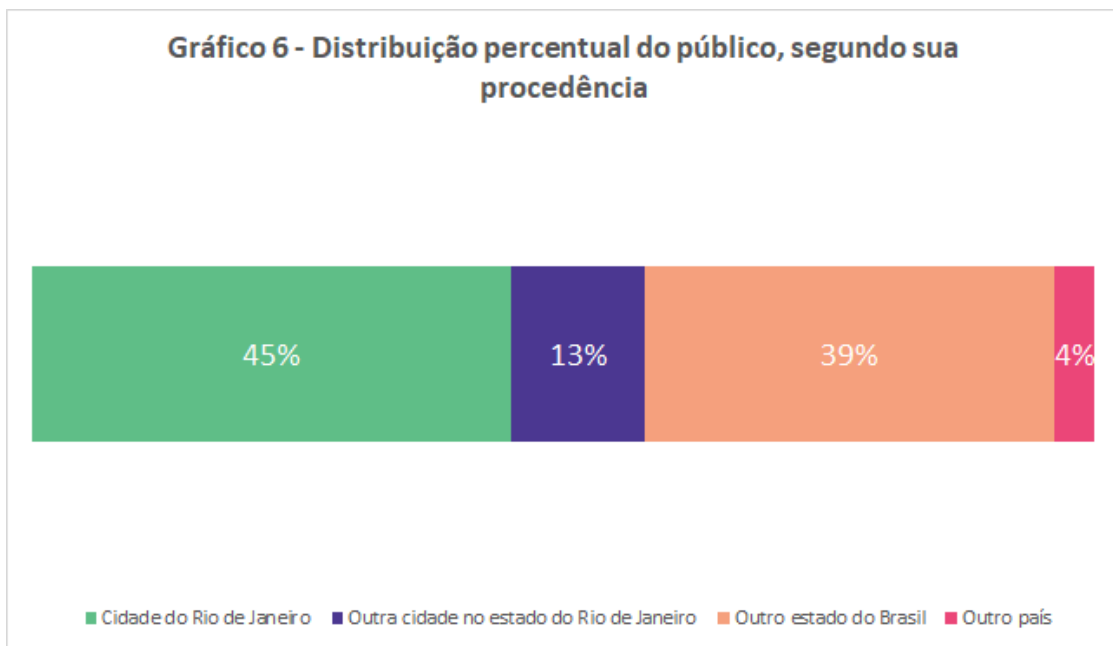


Analisando o rendimento mensal individual do público, reparamos que o grupo com maior participação corresponde a quem ganha até 2 salários mínimos, 30%, seguido pelo grupo que ganha entre 5 e 10 salários mínimos (21%) e os que ganham entre 3 e 5 salários mínimos (19%). 16% recebem mais de 10 salários mínimos e 14% entre 2 e 3 salários mínimos.

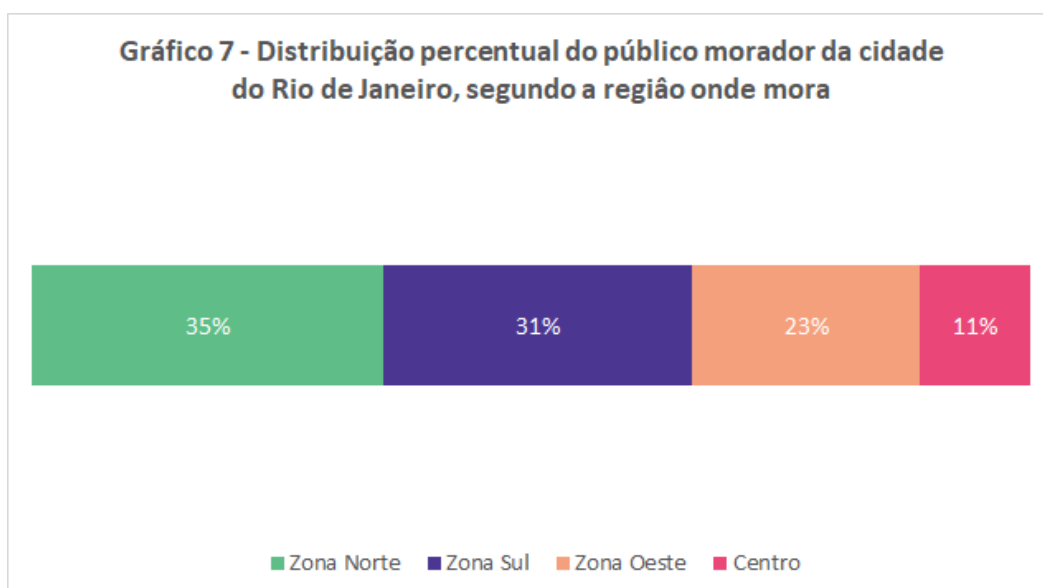


A distribuição percentual dos visitantes, segundo sua procedência mostra que 45% são moradores da cidade do Rio de Janeiro, 13% moram em outras cidades no

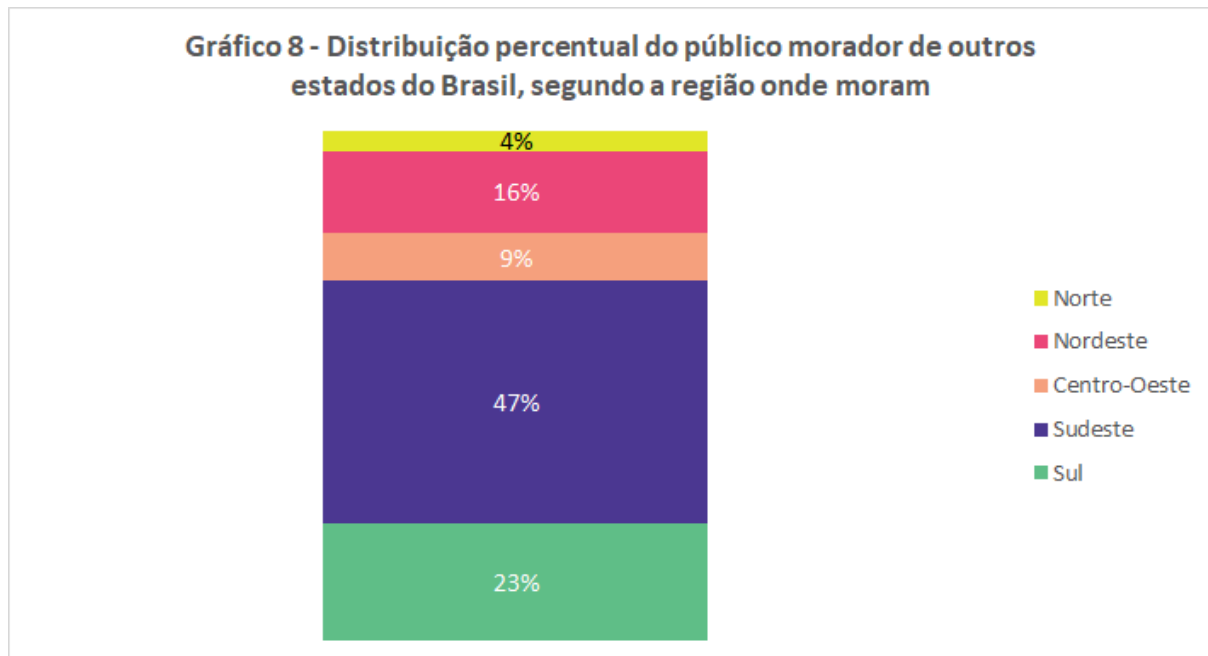
estado do Rio de Janeiro, 39% vivem em outros estados do Brasil e 4% são moradores de outros países.



Houve participação de moradores de todas as regiões do Rio de Janeiro. A maior parte, residente da Zona Norte (35%). 31% moram na Zona Sul, 23% na Zona Oeste e 11% no Centro da cidade.



Dos moradores de outros estados, a participação do Sudeste foi a maior, 47%, impulsionada pelo público de São Paulo, frequentador assíduo do Museu do Amanhã. 23% do público é morador da Região Sul do País. 16% moram na Região Nordeste, 9% no Centro-Oeste e 4% na Região Norte.

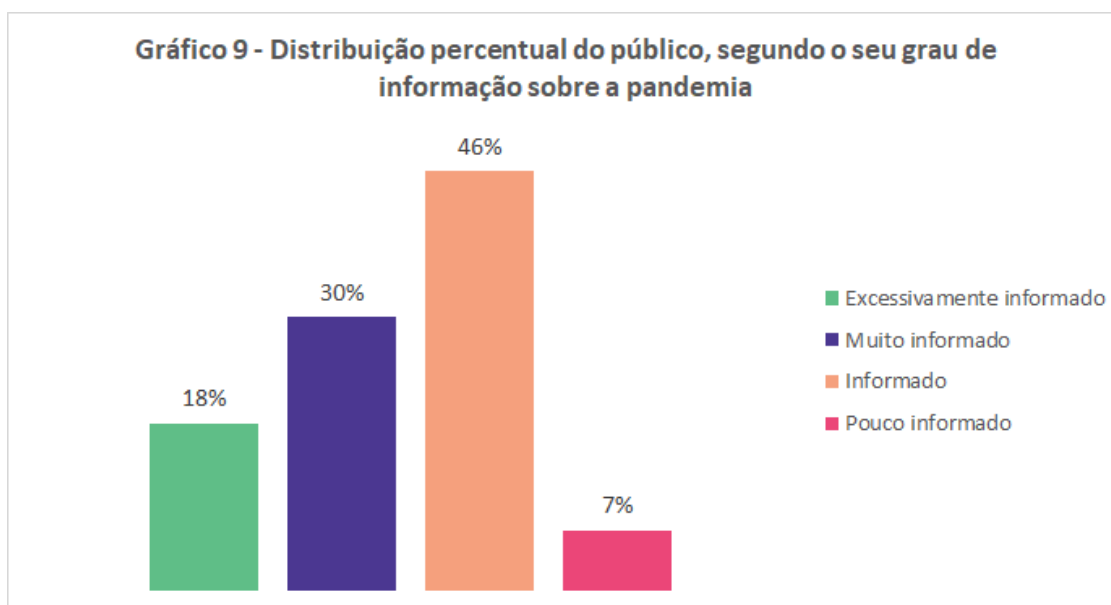


E qual é a percepção do público do Museu do Amanhã sobre o futuro a partir da pandemia? —

PESSOAS

INFORMAÇÃO SOBRE A PANDEMIA

93% do público sente que está informado com relação à pandemia. 18% diz que está excessivamente informado. 47% dos visitantes que estão excessivamente informados dizem que essas informações os levam a ter muita incerteza em relação ao futuro a partir da pandemia. Os relatos dos visitantes indicam que as informações que deveriam deixar o espectador ciente dos acontecimentos, em muitos casos, têm efeito inverso, aumentando a incerteza.



As mulheres se sentem mais incertas em relação ao futuro do que os homens. 44% delas reconhecem estar muito incertas, enquanto entre os homens este percentual é de 25%. Já entre quem indica ter incerteza com relação ao futuro a

partir da ocorrência da pandemia, há um destaque para os jovens entre 16 e 24 anos, 77% deles informam que estão incertos.

Entre o público que se autoavalia como excessivamente informado, a maior parte diz que o excesso de informação provoca ansiedade, sensação de desinformação, medo, estresse e confusão.

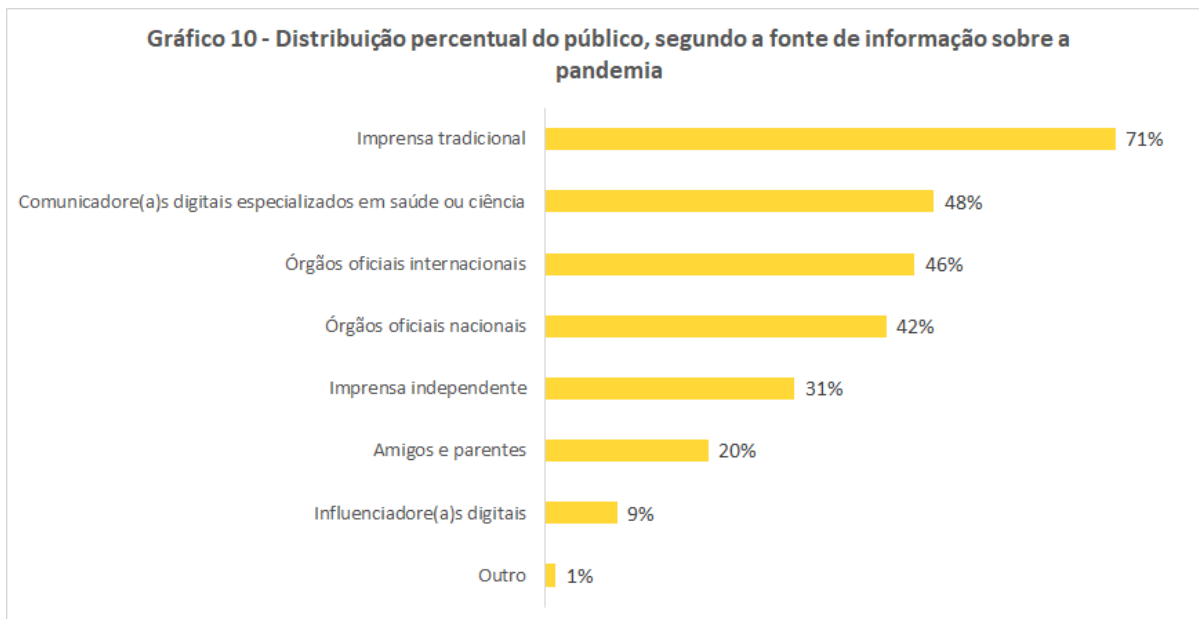
“As informações ainda trazem muitas questões em aberto. O que aumenta minha incerteza e ansiedade sobre como iremos reorganizar nossas vidas” (P526)

Nuvem de palavras 1 - Distribuição proporcional do impacto causado pelo excesso de informação

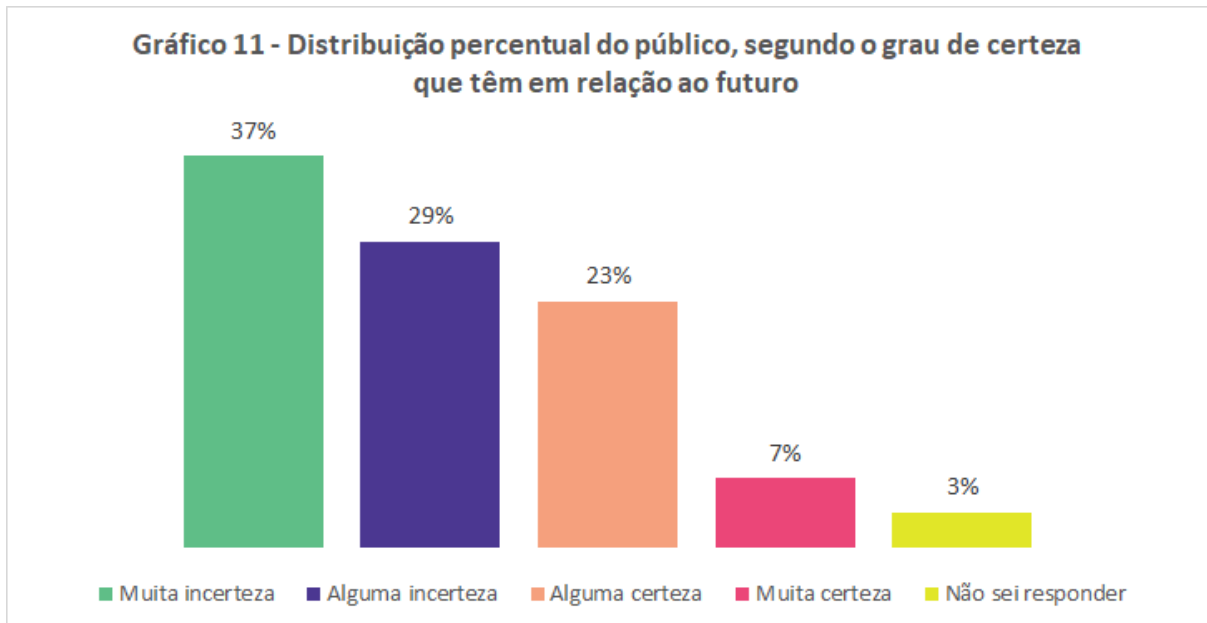


Nuvem de palavras 1: Em roxo, os impactos entendidos como negativos (representando 87% dos comentários do público excessivamente informado); Em amarelo, impactos neutros (representando 8% dos comentários do público excessivamente informado); Em verde, impactos positivos (representando 5% dos comentários do público excessivamente informado)

Em pergunta que permitia mais de uma resposta, 71% do público diz que utiliza a imprensa tradicional para se informar sobre a pandemia; 48% que se informa pelos comunicadores digitais especialistas em saúde ou ciência, 42% se informa pelos órgãos oficiais.



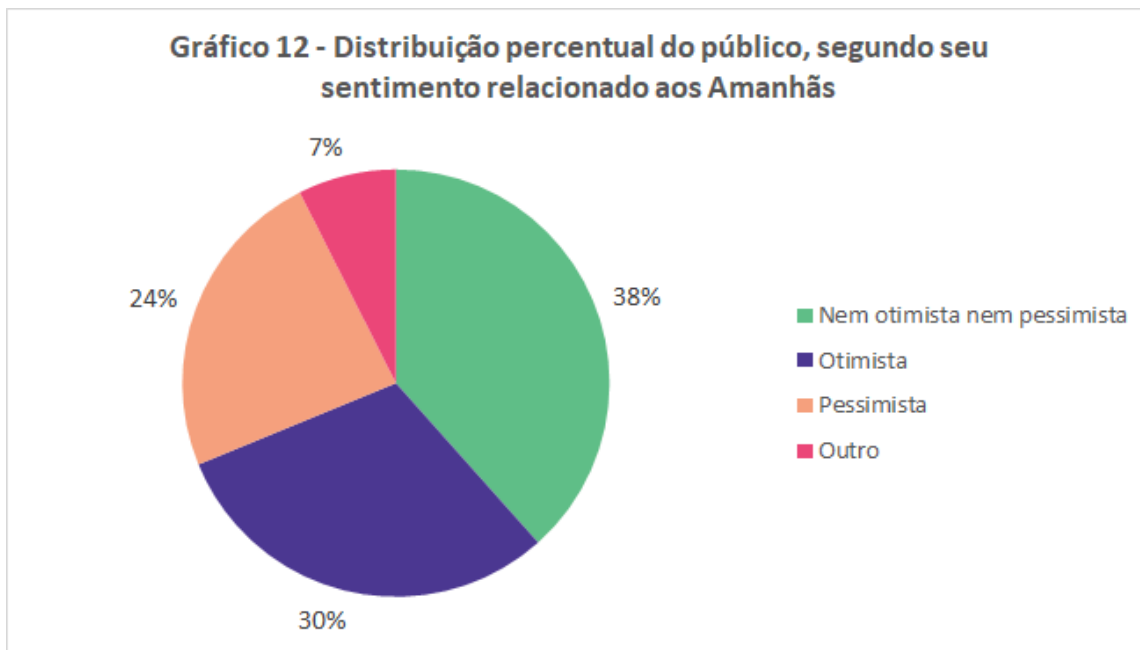
2 em cada 3 visitantes informam que essas informações sobre a pandemia levam a ter incertezas com relação ao futuro, a maior parcela, 37%, sente muita incerteza. Os motivos para isso vão desde o desconhecimento de quanto tempo a pandemia vai durar, a falta de comprometimento das autoridades no seu combate, o impacto de suas consequências nos diversos setores e desafios da sociedade (até quando as taxas de desemprego continuarão subindo? Como ficará a situação das pessoas em vulnerabilidade social?) até o medo de que novas pandemias se tornem comuns daqui em diante. 17% dos participantes citou espontaneamente a esperança de que a descoberta de uma vacina, ou cura, para a doença diminuirá essa incerteza em relação ao futuro.



"Entendo que a pandemia se impõe como um vértice, um ponto crítico, onde vários futuros radicalmente distintos se apresentam possíveis. Um ponto onde nossas escolhas como sociedades e indivíduos - e até pequenas variações delas - trazem grandes mudanças na sociedade do futuro." (P231)

OTIMISMO E PESSIMISMO EM RELAÇÃO AO FUTURO

As incertezas causadas pelo período que vivemos fazem com que 38% dos visitantes informem que não estão nem pessimistas, nem otimistas com relação ao futuro a partir da pandemia. A parcela de otimistas é ligeiramente maior que a de pessimistas, 30% a 24%.



A percepção de que haverá mudanças na sociedade a partir da pandemia é diretamente relacionada aos sentimentos de otimismo ou pessimismo quando se pensa no futuro.

O percentual do público autodeclarado otimista que enxerga que a partir da ocorrência da pandemia as pessoas estarão dispostas a mudar hábitos em benefício do meio ambiente chega a 60%. Entre os pessimistas, esse percentual é de apenas 14%. Essa diferença também aparece quando comparamos os grupos de otimistas e pessimistas quanto à percepção sobre a disposição de mudança de hábito das pessoas em benefício da saúde e do bem estar de outras pessoas. Entre os otimistas, o percentual que acredita que haverá mudanças nesse sentido é de 75%. Entre os pessimistas, apenas 38% acreditam nessas mudanças.

Há uma grande diferença entre o otimismo dos homens e das mulheres. Enquanto 24% das mulheres afirma estar otimista com relação ao futuro, entre os homens esse percentual é de 42%.

Esta pergunta também é feita para o público do Museu do Amanhã em suas pesquisas de público desde 2017. Comparando os resultados observados em Pandemia e Visão de Futuro com os dessas pesquisas, observa-se um percentual bem maior de pessoas que não se consideram nem otimistas nem pessimistas

(38%, em Pandemia e Visão de Futuro x 26%, na síntese das pesquisas de público realizadas entre 2017 e 2019). Se de 2017 a 2019 48% do público se dizia otimista, em 2020, a partir da ocorrência da pandemia, o percentual de otimistas passou para 30%.

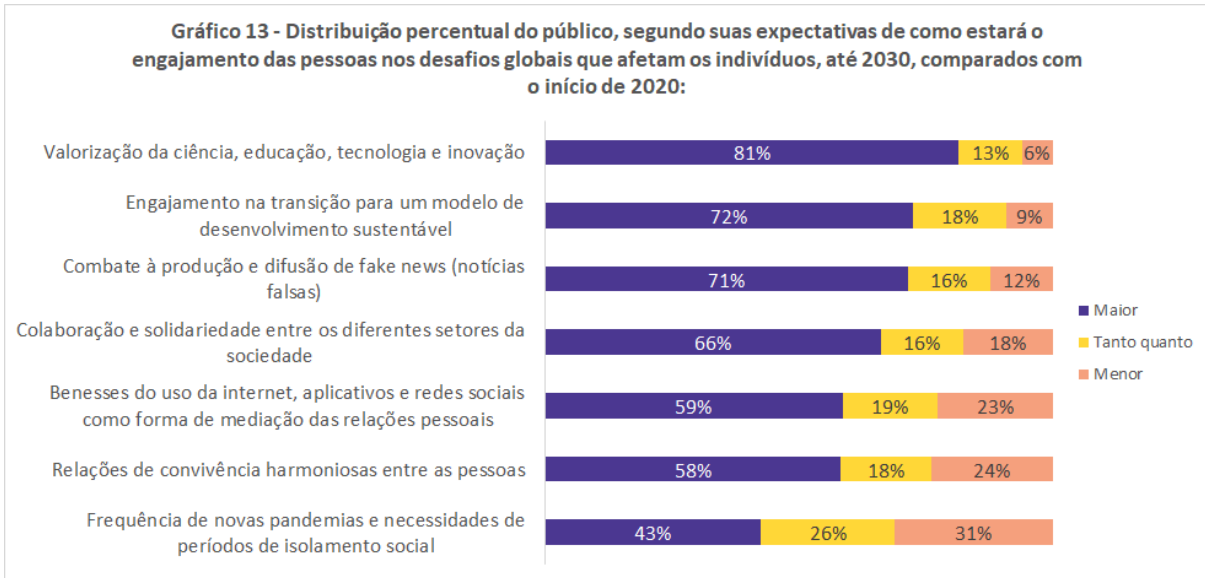
“Acho o panorama muito incerto. Sei que nosso Amanhã será diferente, mas não consigo avaliar se no geral será melhor ou pior.” (P257)

EXPECTATIVAS SOBRE AS PESSOAS

A expectativa da grande maioria dos participantes da pesquisa, 81%, é que ciência, educação, tecnologia e inovação serão mais valorizadas pelas pessoas a partir da pandemia do coronavírus até 2030. Embora essa expectativa seja alta entre os participantes da pesquisa de todos os níveis de escolaridade, ela alcança o valor mais expressivo, 92%, entre os participantes que não completaram o ensino médio.

Outros destaques são as expectativas de que até 2030 as pessoas estarão mais engajadas na transição para um modelo de desenvolvimento sustentável (72%) e irão combater a produção e difusão de fake news (notícias falsas) (71%).

As expectativas de como estará o engajamento das pessoas nos desafios globais que afetam os indivíduos até 2030, comparados com o início de 2020 mostram que o público autodeclarado de cor preta é o menos esperançoso em 6 dos 7 tópicos tratados nesta seção. A maior diferença é com relação à expectativa de vivenciarmos um mundo com relações de convivência mais harmoniosas entre as pessoas até 2030. Entre o público deste segmento, 41% confiam nesta previsão, 17% abaixo da média geral.



MEDOS EM RELAÇÃO AO FUTURO

A diversidade de medos, sejam individuais ou coletivos, decorrentes da pandemia é nítida. 95% dos visitantes declaram em depoimentos abertos que a pandemia acarretou pelo menos 1 medo em suas vidas. Destaque para o medo de que novos vírus e pandemias se tornem frequentes (16%) e o de que passemos por esse período e nada mude (12%).

"De que uma pandemia ainda mais devastadora possa aparecer num futuro próximo. De que as pessoas se tornem ainda mais consumistas e individualistas, por acreditarem na brevidade da vida. De que as relações se tornem cada vez mais virtuais, efêmeras e superficiais. De que a natureza seja ainda mais atingida." (P650)

Logo em seguida estão os medos que decorrem de uma perspectiva social; o medo do desemprego em massa (8%), de crises econômicas (6%) e da intensificação das desigualdades sociais (5%).

Gráfico 14 - Distribuição proporcional dos principais medos do público, a partir da ocorrência da pandemia



“Meu maior medo é que as pessoas não mudem, que continuem naturalizando a desigualdade econômica e social, e que insistam em chamar o que havia até o início de 2020 de "normalidade", desejando voltar a ela.” (P1101)

O medo de novas pandemias é mais presente entre o público mais jovem. O percentual de participantes com idade entre 16 e 24 anos que apresentam este medo como o principal é de 23%, praticamente o dobro do percentual observado no restante da amostra, 13%.

ESPERANÇAS EM RELAÇÃO AO FUTURO

A maior esperança do público, 22%, é a de que esse período faça com que os diversos setores da sociedade se conscientizem e o utilizem como aprendizado, possibilitando reflexões que colaborem para a construção de um mundo mais justo.

"Que assim que possível (e espero que seja logo) tenhamos uma sociedade muito mais humana, mais justa, mais sustentável, mais holística, mais saudável. Com maior reconhecimento e divulgação do conhecimento científico e maior incentivo ao

desenvolvimento de tecnologias limpas. Respeito pelas diferenças alheias, sistemas justos e adequados à coletividade. Acessibilidade à saúde, educação, lazer, moradia, segurança. Uma vez que vigore o pensamento de que "só posso estar verdadeiramente bem, se todos estiverem bem". (P353)

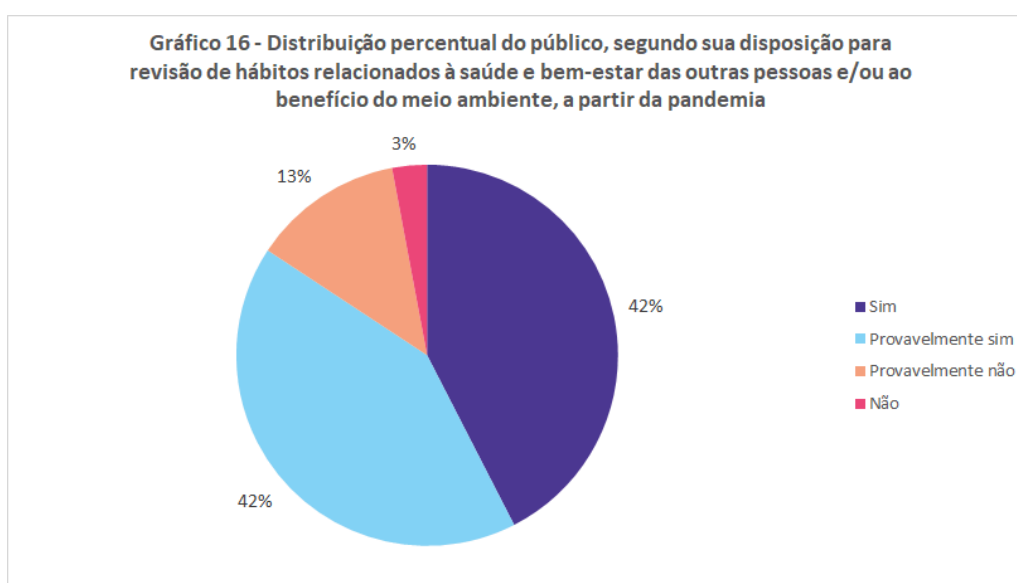
Para 19% dos visitantes, a principal esperança é a de que se reforcem os hábitos solidários e os laços de convivência e união entre os seres humanos. Um tópico que é pauta do debate público neste período e que também foi tema desta pesquisa é o da valorização da ciência e da tecnologia, 17% dos visitantes acreditam que a esperança reside no despertar coletivo para essa valorização e no consequente aumento de investimentos em saúde educação.



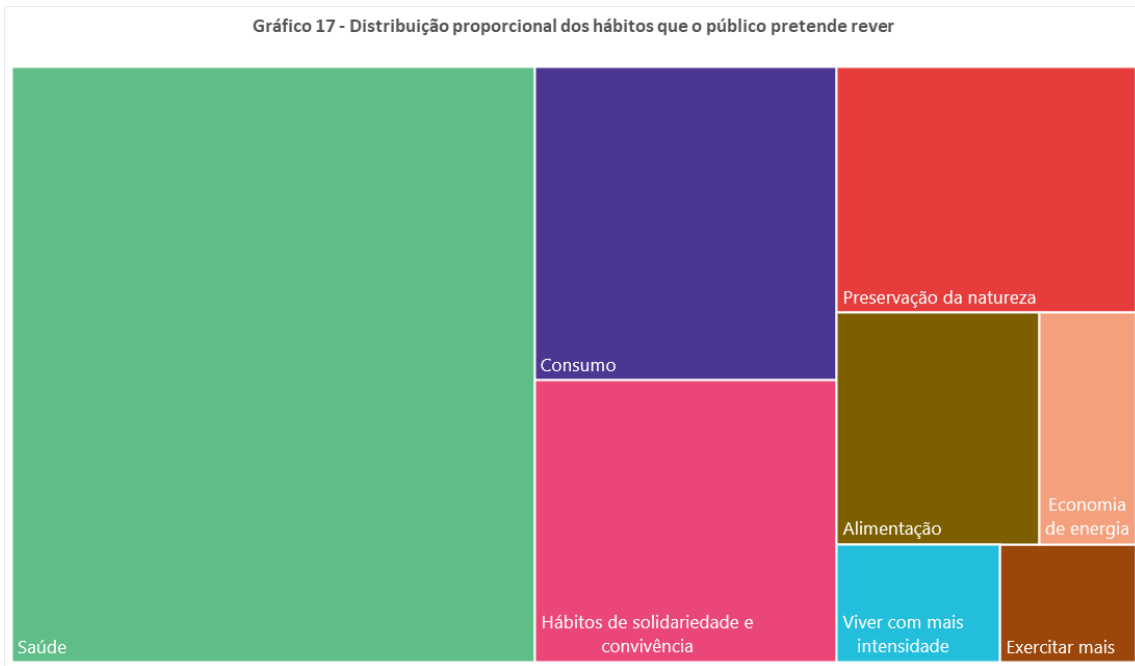
“Tenho esperança que esse período sirva pra gente rever nossa relação com a natureza, optando por um consumo mais consciente. Tenho esperança que as pessoas desenvolvam cada vez mais a empatia e a solidariedade e entendam que, uma vez que aceitamos viver em sociedade, não existe nada que façamos que não tenha influência na vida do próximo.” (P207)

DISPOSIÇÃO PARA MUDAR HÁBITOS

Desde 2017, monitoramos que 80% dos visitantes do Museu do Amanhã saíam da visita dispostos a rever seus hábitos, um percentual considerável. A urgência dos desafios que a pandemia intensifica faz com que essa disposição chegue a 84% em junho de 2020. Entre os jovens de 16 a 24 anos, disposição para mudança é de 90%.



A maior parte dos visitantes está disposta a rever hábitos que são relacionados à saúde (42%), exemplificado principalmente pela intensificação de hábitos de higiene e pela promessa de evitar aglomerações. Consumo (13%), hábitos relacionados à convivência, como a solidariedade e a conscientização ao próximo (12%) e a preservação da natureza, através de exemplos como o manejo de resíduos e a redução da poluição (10%) são outros hábitos em destaque.



Ao compararmos esse resultado com a série histórica do Museu do Amanhã, vemos um crescimento bastante significativo de pessoas que pretendem rever hábitos relacionados à saúde (de <1% para 42%). A ocorrência da pandemia e suas implicações ressignificam a importância da higienização para prevenção de doenças.

"São hábitos que foram modificados com o surgimento da pandemia, por exemplo intensificar a higiene dos objetos, ter mais cuidado ao espirrar, aumentar as compras em feiras agroecológicas (isso depois da pandemia, pois neste momento estou com dificuldades de comprar produtos agroecológicos por causa do acesso), ter mais cuidado, sempre que possível, com os resíduos sólidos que irão para a reciclagem." (P536)

SOCIEDADE

PRIORIDADES DOS GOVERNOS E DEMAIS SETORES PARA O PROGRESSO SOCIAL ATÉ 2030

Cada participante selecionou três desafios sociais que deveriam ser prioridades do governo e da sociedade até 2030. Para o público do Museu do Amanhã, redução das desigualdades sociais e econômicas (69%), educação de qualidade para todos (65%) e saúde e bem-estar para todos (59%) são os grandes desafios sociais da Agenda 2030, a partir da ocorrência da pandemia. Essas são as prioridades para a maioria das pessoas que participaram da pesquisa, independentemente de gênero, cor, idade, escolaridade, renda ou local de moradia.

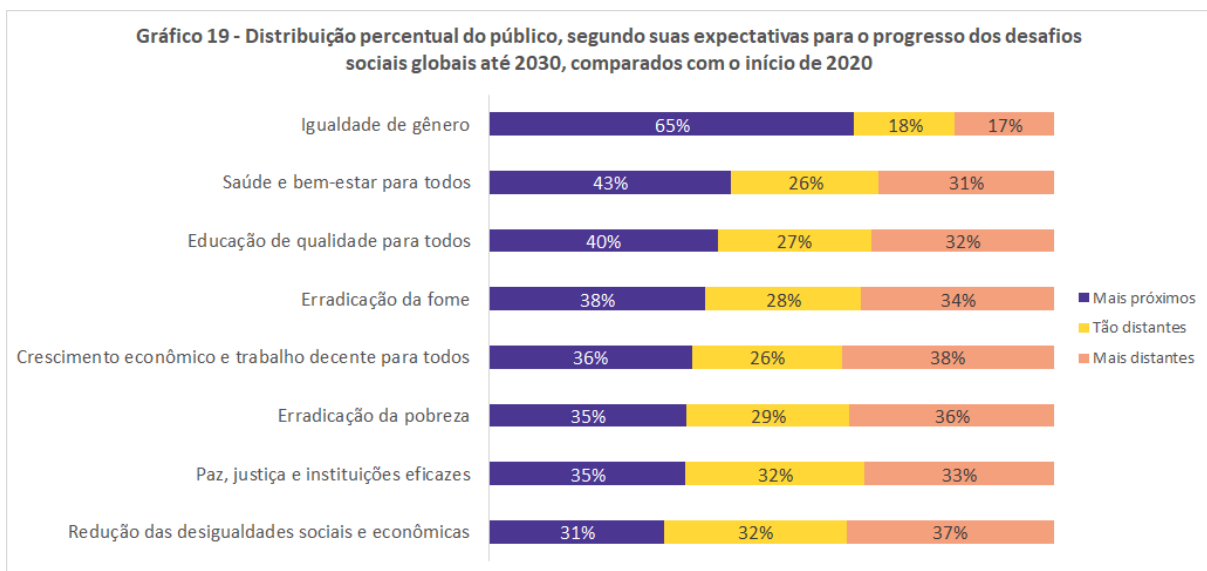


EXPECTATIVAS PARA O PROGRESSO DOS DESAFIOS SOCIAIS ATÉ 2030

A igualdade de gênero é o desafio da sociedade que o público deposita a maior expectativa que esteja mais próximo de ser solucionado até 2030 (65%). Ao

mesmo tempo, esse é o desafio que os participantes da pesquisa menos escolheram como a prioridade dos governos e da sociedade. Uma possibilidade para entender essa diferença entre expectativa e prioridade dos participantes da pesquisa é que se eles acreditam que esse é um desafio vai estar próximo de ser solucionado em 2030, a prioridade dos governos e da sociedade deveria ser dada aos demais desafios sociais.

Em todos os demais desafios sociais, o público que representa a soma dos que acham que até 2030 estaremos tão ou mais distantes de sua solução quanto no início de 2020 é majoritário. Destaque para a redução das desigualdades sociais. Embora a maioria dos participantes afirme que esta deve ser a principal prioridade dos governos e da sociedade até 2030, apenas 31% acreditam que estaremos mais próximos de sua solução até 2030.



MEIO AMBIENTE

PRIORIDADES DOS GOVERNOS E DEMAIS SETORES PARA O DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL ATÉ 2030

Dois desafios ambientais se destacam como prioridade entre os participantes: água potável e saneamento para todos (64%) e conservação e uso sustentável das florestas e demais biomas terrestres (56%).

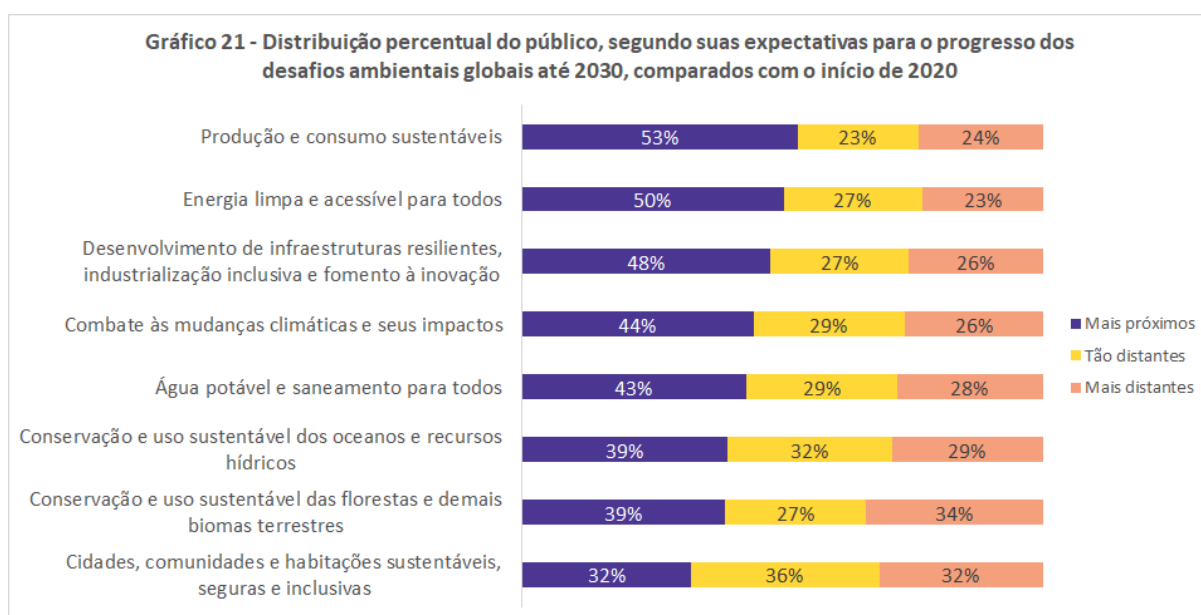
A terceira prioridade varia de acordo com o perfil – enquanto mulheres priorizam produção e consumo sustentáveis (43%), os homens priorizam cidades, comunidades e habitações sustentáveis, seguras e inclusivas (35%). Jovens entre 16 e 24 anos dão grande prioridade ao combate às mudanças climáticas e seus impactos (48%), enquanto as pessoas com mais de 60 anos acreditam que a conservação e uso sustentável dos oceanos e recursos hídricos deveria ser prioridade (40%).



EXPECTATIVAS PARA O PROGRESSO DOS DESAFIOS DO MEIO AMBIENTE ATÉ 2030

Em apenas dois desafios ambientais, o público que acredita que até 2030 estaremos mais próximos de sua solução são maioria: produção e consumo sustentáveis (53%) e energia limpa e acessível para todos (50.2%). Quando perguntamos quais hábitos os participantes estariam dispostos a rever, a partir da ocorrência da pandemia, a revisão de hábitos de consumo apareceu em segundo lugar e a economia de energia em sexto. Há uma tendência aparente de que, na visão do público, a participação individual tenha condições de contribuir na resolução destes dois desafios.

Os dois desafios ambientais que o público sugere como prioridades de governos e sociedade, água e saneamento para todos e conservação e uso sustentável das florestas e demais biomas terrestres, aparecem nas expectativas positivas sobre seus progressos até 2030 com percentuais de apenas 43% e 39%, respectivamente.



Expediente

INSTITUTO DE DESENVOLVIMENTO E GESTÃO | MUSEU DO AMANHÃ

Diretor Presidente: Ricardo Piquet

Diretora Executiva: Roberta Guimarães

Diretora de Desenvolvimento de Público e Parcerias: Maria Garibaldi

Diretora de Projetos: Julianna Guimarães

Curador Geral: Luiz Alberto Oliveira

Diretor de Desenvolvimento Científico e Educação: Alfredo Tolmasquim

PESQUISA PANDEMIA E VISÃO DE FUTURO (2020)

Autores

Alfredo Tiomno Tolmasquim

Diretor de Desenvolvimento Científico e Educação

Davi Bonela

Coordenador de Pesquisa

Ruy Cotia

Analista de Pesquisa de Público

Agradecemos aos parceiros do Museu do Amanhã



ISBN: 978-65-87551-02-9

CR



9 786587 551029